



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA



DYESSE APARECIDA SILVA

**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DA APAE DE UBERLÂNDIA/MG**

UBERLÂNDIA

2018

DYESSE APARECIDA SILVA

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Educação Física, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do certificado de graduada em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Bertoni

UBERLÂNDIA

2018

DYESSE APARECIDA SILVA

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
APAE DE UBERLÂNDIA/MG

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Educação Física, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do certificado de graduada em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física.

Área de Concentração: Formação profissional

Uberlândia, 20 de Dezembro de 2018

Banca Examinadora

Membro: _____

Prof^ª Dra. Sônia Bertoni – FAEFI/UFU.

Membro: _____

Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes – FAEFI/UFU.

Membro: _____

Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Machado Ribeiro – FAEFI/UFU.

Coordenador do Curso: Prof. Dr. Eduardo Henrique Rosa Santos

À minha família pelo apoio e por serem ótimos exemplos de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me abençoar com essa oportunidade de estar em uma universidade.

À minha família e amigos que sempre me apoiaram e deram força e motivação nos momentos de dificuldade.

À professora Sônia Bertoni que se empenhou também na construção deste trabalho e principalmente a professora entrevistada que, mesmo com sua agenda cheia se dispôs a participar da pesquisa.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
APAE DE UBERLÂNDIA/MG

DYESSÉ APARECIDA SILVA

Graduanda da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: dyessesilva@yahoo.com.br

Dra. SÔNIA BERTONI

Professora Associada da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de
Uberlândia E-mail: sonia.bertoni@ufu.br

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a formação e as experiências profissionais de uma professora de Educação Física aposentada que sempre trabalhou com alunos com deficiência intelectual. A pesquisa é do tipo estudo de caso. A coleta de dados foi feita por meio de uma entrevista estruturada. Os principais resultados, a partir da formação e experiências profissionais da professora entrevistada, nos mostram sobre a importância do gostar da profissão e de ter compromisso, foco, e determinação para realizar as suas atividades profissionais. Além da necessidade de se ter uma boa formação continuada, estudando sempre e aperfeiçoando os seus conhecimentos para se conhecer o sujeito que se ensina e sobre a sua deficiência e outros saberes relacionados à área para desenvolver uma boa prática pedagógica e realizar com desempenho a sua trajetória profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Intelectual; estudo de caso; Educação Física; trajetória profissional; APAE.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um estudo de caso que tem como foco central os relatos de experiência de uma professora de alunos com deficiência intelectual (DI).

A gênese de nossas inquietações surgiram a partir da vivência que tivemos no Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD) como aluna da disciplina Prática Pedagógica em Educação Física (PIPE 5), na oportunidade que tivemos de dar aula de Futsal e Natação para alunos com DI.

Estando em contato com os alunos com DI tínhamos muitas dúvidas, tais como: Qual deveria ser a formação de um profissional para trabalhar com alunos com DI? O que um profissional com vários anos de atuação na área poderia relatar como experiência e colaborar

no processo de formação de profissionais iniciantes? Como seria trabalhar muitos anos com alunos com deficiência intelectual?

Nesse sentido elaboramos esta pesquisa cujo objetivo geral busca analisar a formação e as experiências profissionais de uma professora de Educação Física aposentada que sempre trabalhou com alunos com DI. Mais especificamente visa verificar como ocorreu o ingresso da professora na área da DI; descrever e refletir sobre a história de formação desta professora; identificar as maiores dificuldades enfrentadas para ensinar alunos com DI; verificar quais fatores de aprendizagem dela como professora devem ser elencados, considerando a longa experiência em lidar com esses alunos; identificar quais foram as maiores aprendizagens dela como professora de alunos com DI.

Portanto, entendemos que os relatos da professora, sendo esta, aposentada na área e que ainda atua na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE de Uberlândia podem trazer contribuições na área científico-pedagógica do processo de ensino e aprendizagem desses alunos, além de contribuir para a formação dos alunos de graduação, futuros professores de alunos com DI.

REFERENCIAL TEÓRICO

A DI antes chamada de Deficiência Mental era vista pelas igrejas como um castigo de Deus, porém as pessoas que tinham DI eram acolhidas, protegidas e em alguns casos eram designados a “bobo da corte” (JOAQUIM, 2013). Com o avanço da medicina, percebeu-se que essa deficiência estava relacionada a problemas médicos, uma fatalidade hereditária ou congênita (PESSOTI, 1984 apud JOAQUIM, 2013).

No século XIX criaram instituições com o objetivo de atender essas pessoas com deficiência. Porém, o que se percebe é um declínio dos esforços educacionais para o atendimento dessas pessoas e o sentido passa a ser de cuidado e assistencialismo, pois a pessoa com DI era vista como uma ameaça social (PAGOTTO, 2010). Na segunda metade do século XX criaram-se inúmeras instituições particulares, sem fins lucrativos, a fim de atender as pessoas com DI. APAE é um exemplo disso, uma instituição que desde 1954 oferece assistência a essas pessoas.

O médico Philippe Pinel (1745-1826) denominou-a como idiotismo, atribuindo um significado de carência ou insuficiência intelectual. O psiquiatra Étienne Dominique Esquirol (1772-1840) ampliou esta denominação para imbecilidade ou idiota, relacionando-as a causas maturacionais. O médico britânico John Langdon Haydon Down (1828-1896) denominou-a

de idiota mongoloide, associando a caracteres étnicos que era tendência na época. O termo mongolismo perdurou-se até os anos 1960. No século XIX eram chamadas de doente mental. A partir do século XXI ocorre a substituição proposta pela American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD), que prevê a mudança de deficiente mental para deficiência intelectual (BISOL; VALENTINE, 2017).

Segundo Joaquim (2013, p. 27) “É mais apropriado o termo intelectual por referir-se ao funcionamento do intelecto especificamente e não ao da mente como um todo”. De acordo com Disabilities (2018, p. 1) “A deficiência intelectual é uma deficiência caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo, que abrange muitas habilidades sociais e práticas cotidianas. Esta deficiência se origina antes dos 18 anos”.

É uma deficiência “caracterizada pela redução no desenvolvimento cognitivo, ou seja, no QI, normalmente abaixo do esperado para a idade cronológica da criança ou adulto, acarretando muitas vezes um desenvolvimento mais lento na fala, no desenvolvimento neuropsicomotor e em outras habilidades” (TÉDDE, 2012, p. 23).

Em seu estudo, Tédde (2012, p. 24) afirma que:

As causas da D.I. são desconhecidas de 30 a 50% dos casos. Estas podem ser genéticas, congênitas ou adquiridas. Dentre as quais as mais conhecidas são: Síndrome de Down, Síndrome alcoólica fetal, Intoxicação por chumbo, Síndromes neurocutâneas, Síndrome de Rett, Síndrome do X-frágil, Malformações cerebrais e Desnutrição proteico-calórica.

Durante muitos anos perdurou uma “crença de que a deficiência estaria atrelada somente a problemas com a inteligência” (VELTRONE; MENDES, 2012, p. 11). Mas, a partir das vivências com estas pessoas e de estudos que abordam sobre o assunto, percebemos que os mesmos apresentam problemas no comportamento adaptativo, tendo limitações nas habilidades conceituais (escrita, leitura, entres outros), sociais (seguir regras, ser manipulado ou enganado) e/ou práticas (atividades ligadas à vida diária como comer, preparar a comida) (DISABILITIES, 2018).

De acordo com Santos (2012, p. 5):

O quadro da deficiência intelectual é fundamentalmente marcado por uma inteligência geral comprometida, ou seja, o prejuízo cognitivo é a principal característica diagnóstica, correspondendo a: restrito raciocínio lógico, restrita capacidade de planejamento, solução de problemas deficitária, fraco pensamento abstrato, baixa fluidez da aprendizagem, memorização restrita,

baixa coordenação visuoespacial ¹ e lateralidade, esquema corporal dificultado, limitada atenção, limitada generalização, prejuízo da capacidade expressiva (principalmente a verbal), deficitária capacidade de percepção, ausência de autodirecionamento, etc.

A pessoa com DI apresenta limitações cognitivas, mas isso não pode ser motivo para a não aprendizagem. Para a aprendizagem é importante que o professor tenha alguns conhecimentos básicos e fundamentais para mediar o processo (BERTONI, 2012).

Ainda nesse sentido, Silva (2016, p. 7) diz que “as ações do professor devem ser pautadas por um ensino diferenciado que possibilitem a melhora de seu desempenho e contemple suas habilidades para aprendizagem”.

No processo de ensino e aprendizagem do aluno com DI devemos considerar a questão da individualidade, como diz Tédde (2012, p. 29-30),

Cada criança é um ser único, as crianças com D.I. merecem um olhar individualizado levando-se em consideração suas limitações, suas necessidades, mas não somente o que ainda não consegue realizar com autonomia, mas levar em consideração a bagagem que essas crianças possuem e o que já possuem de autonomia para realizar sozinhas. Todas as pessoas possuem algo que já realizam deficientes ou não. O D.I. necessita sim de apoio pedagógico, de atenção especializada, de adequações curriculares, mas não podemos esquecer que eles possuem capacidades, e o que eles mais necessitam além das intervenções, é que, nós acreditemos neles.

De acordo com Silva (2016) o processo de aprendizagem segue uma hierarquia, o aluno tem que passar pela *sensação* (estímulo interno ou externo que causa uma reação específica e produz uma percepção) a qual provocará uma *percepção*. Através dessa percepção cria-se a formação de imagem, que leva à simbolização e a conceituação.

Segundo Krebs (2004) as pessoas com deficiência intelectual apresentam problemas psicomotores e nesse sentido a Educação Física, enquanto área do conhecimento pode colaborar no processo de aprendizagem e desenvolvimento destes alunos.

O professor de Educação Física precisa dar oportunidade ao aluno com DI de realizar o gesto que envolve a atividade, para que se possa identificar as facilidades e dificuldades do mesmo (DÉA; DUARTE, 2013). Para facilitar a aprendizagem desse aluno é importante que a explicação da tarefa seja feita de forma simples, clara, precisa, com demonstrações e

¹ A função visuoespacial representa o nível mais elevado de processamento visual realizado pelo cérebro e remete para a capacidade de percepção visual de objetos e das relações espaciais entre os objetos. Representa um conjunto de capacidades cognitivas utilizadas para analisar e compreender o espaço envolvente em 2D e 3D (PRIMERCOG, 2018).

exemplos. Mas, não é correto exigir que esse aluno execute a atividade no mesmo ritmo que um aluno sem DI, pois isso poderá causar frustrações, desmotivação e desinteresse em concluir a atividade.

Devemos ser cautelosos ao preparar as aulas de Educação Física, para não prejudicar o aluno que, em sua maioria apresentam “hipotonia e a hiper mobilidade das articulações que frequentemente causam problemas ortopédicos e posturais como lordose, deslocamento dos quadris, cifose, instabilidade atlantoaxial, pé pronado e chato e cabeça deslocada para frente” (KREBS, 2004 apud BERTONI, 2012, p. 41). Atividades e exercícios que fortalecem e estabilizam os músculos em torno das articulações são apropriadas. Alguns alunos com DI tendem a apresentar um atraso em testes de aptidão física e desenvolvimento motor quando comparados com alunos sem deficiência. Há também alunos com DI que não necessitam muito de apoio e que se saem bem em esportes (KREBS, 2004 apud BERTONI, 2012).

No que se refere ao espaço em que as aulas serão ministradas, Campeão (2010) diz que esses espaços não devem ter obstáculos, se houver delimitações que sejam flexíveis para que o aluno possa participar de forma efetiva. Com relação aos materiais, a exposição desses deve ser feita aos poucos, para que não haja dispersão e desinteresse dos alunos. Além disso, devem-se priorizar materiais maiores possibilitando várias formas de manipulação, sem exigir execução rápida. Essa manipulação é importante ser feita antes de realizar a atividade, garantindo que o aluno tenha conhecimento do que será utilizado na aula.

Reforçando o que foi dito anteriormente sobre levar em consideração a especificidade de aprendizagem de cada aluno, Bertoni (2012, p. 44) afirma que:

As características da aprendizagem que se assemelham as dos alunos sem deficiência intelectual e as que são peculiares às pessoas com deficiência intelectual devem ser conhecidas e consideradas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem, mas as características que se diferenciam não devem ser entendidas como fatores impeditivos para o aprendizado e o desenvolvimento dessas pessoas.

Finalizando, o professor deve preparar o aluno para o mundo, para viverem novas experiências, ao contrário daquelas que eram impostas em séculos passados, onde a pessoa com DI mal saía de casa por serem vistas como aberração/incapazes. A ideia é torná-los cada vez mais independentes e para isso, além da intervenção do professor é importante o apoio da família e da sociedade de modo geral. É importante ter sempre em mente que cada aluno tem suas características individuais e que os conteúdos tem que fazer sentido e trazer de alguma forma benefícios ao aluno.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais: breve contexto histórico

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, conhecida como APAE, se destaca no país por seu pioneirismo. Nascida no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1954, quando chega ao Brasil Beatrice Bemis, procedente dos Estados Unidos, membro do corpo diplomático norte americano e mãe de uma menina com Síndrome de Down. A mesma já havia participado de mais de 250 associações de pais e amigos. Com isso, professores, pais, amigos e médicos de “excepcionais” se sentiram motivados e fundaram a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE do Brasil (FEAPAES-PR, 2006).

A entidade contou com uma sede provisória, onde foram criadas duas classes especiais, com cerca de vinte crianças. Só que com o passar do tempo os alunos entraram na fase da adolescência e necessitaram de atividades criativas e profissionalizantes. Surgiu, assim, a primeira oficina pedagógica de atividades ligadas à carpintaria (FEAPAES-PR, 2006).

De 1954 a 1962, surgiram outras APAEs. Estimulados pela iniciativa carioca, a primeira APAE mineira surgiu no ano de 1956, na cidade de São Lourenço. A partir da década de 60, foram fundadas principalmente nas regiões Sul e Triângulo Mineiro. Em especial, a APAE da cidade de Uberlândia-MG foi fundada em 12 de outubro de 1965 (FEDERAÇÃO DE PAES E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE MINAS GERAIS-FEPAES/MG, 2018).

No histórico apresentado pela FEAPAES/MG (2018, p.1):

As Apaes Mineiras são pioneiras em várias iniciativas. Há mais de 20 anos constituem a maior rede Apaiana do Brasil, buscando incessantemente não apenas a defesa de direitos da pessoa com deficiência intelectual e múltipla, mas, principalmente, a qualidade técnica dos serviços que são a elas prestados em nossas entidades. Desde sua fundação, a Federação das Apaes do Estado priorizou a realização dos eventos estaduais, tais como Olimpíadas das Apaes, Festival Nossa Arte e Congresso Estadual, realizados alternadamente todos os anos, contando com a participação de pessoas com deficiência, famílias e profissionais das Apaes, representando as mais diversas regiões do país.

Em 2009, a Federação de Minas ganhou mais visibilidade e se tornou referência entre os órgãos públicos e privados em relação às parcerias firmadas que beneficiaram as Apaes mineiras (FEAPAES-MG, 2018).

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo estudo de caso. Segundo Thomas; Nelson; Silverman (2012, p.315), “o estudo de caso é uma forma de pesquisa descritiva. Enquanto método de levantamento obtém uma quantidade bastante limitada de informações sobre muitos participantes, o estudo de caso reúne grande quantidade de informações sobre um ou alguns poucos participantes”.

Neste trabalho tivemos uma única entrevistada. A coleta de dados foi feita por meio de uma entrevista estruturada, buscando responder aos objetivos propostos do estudo, abordando a formação e experiência profissional da professora.

A entrevista foi realizada com uma professora de Educação Física que trabalhou na APAE durante 30 anos com alunos com deficiência intelectual, sem interrupção. Este fato, no nosso entendimento, lhe trouxe uma vasta experiência e a coloca numa posição diferenciada e atípica, visto que existe uma rotatividade na educação em termos de lotação, principalmente em se tratando de trabalho com o público alvo da Educação Especial, que é um espaço de trabalho em que as pessoas não são lotadas e ocorre com certa frequência a mudança/rotatividade de professores.

A entrevista foi feita na APAE de Uberlândia, no seu local de trabalho. Num primeiro momento tivemos contato com a professora para explicar sobre o trabalho e saber de seu interesse e disponibilidade em participar. Feito isso, ela respondeu afirmativamente que participaria, e nós marcamos um segundo encontro para fazer a entrevista.

Após a entrevista, fizemos a descrição e posteriormente as análises. As análises foram qualitativas, descrevemos as falas da entrevistada buscando, em alguns momentos, refletir à luz de referencial teórico que da sustentabilidade à área da deficiência intelectual e formação profissional.

RESULTADOS

TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

A professora graduou-se na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia – FAEFI/UFU. Na época em que fez o curso de graduação, 1989, não era muito comum a pesquisa em formação inicial, pelo menos no curso de Educação Física da UFU. Porém, em 1982 já havia sido criado um projeto de extensão chamado NIAFS - que é o

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Atividade Física e saúde, que trabalhava com grupos especiais tais como: pessoas com deficiência, obesos, cardiopatas, mulheres mastectomizadas, etc. (OLIVEIRA; DECHICHI; SILVA, 2007). Tomamos como hipótese de que a professora fez parte deste projeto de extensão, que era também uma disciplina obrigatória na época, ministrada pelo professor Alberto, citado por ela na entrevista. Então, podemos dizer que ela fez a disciplina obrigatória na qual chamou de estágio.

Perguntamos à professora se ela teria algo a relatar que fosse relevante e que ficasse registrado às novas gerações, sobre experiência profissional. A fala da professora pode ser vista a seguir:

Para essa juventude de hoje, para os alunos de Educação Física o que eu digo é para eles terem um objetivo, traçar uma meta e assim, determinação né, porque se você não tiver **determinação**, confiança naquilo que você quer fica difícil porque então você fica dando tiro para todos os lados. Ter **foco**, ir atrás, **não acomodar**. A gente não pode nunca na vida tanto pessoal quanto profissional, acomodar. (Grifo nosso) (FALA 1)

Em seu estudo, Posich (2016) afirma a importância sobre o foco dizendo que ele nos leva a outro patamar e que através dele podemos fazer a diferença à sociedade. O autor Marques (2016) diz que não só em sua vida, mas na vida de todo mundo que conquistou ou deseja conquistar o sucesso, o foco foi e sempre será, um fator em comum e um diferencial competitivo.

No que se refere à trajetória profissional procuramos conhecer sobre a formação inicial da professora, sua história e escolhas dentro do curso de graduação em Educação Física que influenciaram o envolvimento com o trabalho com pessoas com deficiência, a trajetória de sua formação continuada e o que lhe deu segurança para trabalhar com alunos com DI e qual o significado de ser professora de Educação Física de alunos com DI.

Com relação a sua trajetória profissional perguntamos o que a fez optar pelo curso de Educação Física e por optar por trabalhar com pessoas com DI e ela nos respondeu o seguinte:

Então, desde pequena eu sempre fui atleta, eu falo que eu nasci fazendo atividade física. Quando eu estava no ginásio, inclusive no colegial eu competia pelas escolas que eu estudei, em ginástica artística, então eu competia e eu sempre gostei muito de esporte, jogava handebol, jogava até futebol, na época era até muito difícil menina jogar futebol, mas eu jogava e adorava. Então, esporte pra mim eu falo que está no sangue, na minha veia. Isso me levou a optar pelo curso de Educação Física. Eu falei é isso que eu quero! Dentro do curso, da graduação **tem o estágio que a gente**

faz em educação física adaptada, eu me apaixonei pela área, pelo o que eu estava fazendo e ali eu vi que eu podia fazer a diferença. Dali para frente terminou o estágio eu continuei, na época era o professor Alberto, eu procurei e falei que queria continuar o estágio, então continuei por minha conta. Antes de formar eu já comecei a trabalhar na APAE. (Grifo nosso) (FALA 2)

De acordo com a fala da entrevistada podemos dizer que o fato de gostar de esporte e ter sido atleta influenciou a sua escolha pelo curso, e ressalta-se a importância de sua participação no estágio que a fez gostar da área e ver que podia fazer a diferença. Esta fala da professora corrobora com o estudo de Oliveira (2010, p.142), que diz que “... o estudante deveria, desde o início de sua formação, estabelecer contato direto e intenso com a escola pública, com o cotidiano e a realidade concreta onde se dará o exercício de sua prática como professor”.

Nesse sentido, verificamos que o contato com o estágio relacionado às pessoas com deficiência influenciou a trajetória profissional da professora entrevistada. Em relação à participação da professora em projetos, podemos ver a fala dela, a seguir:

Naquela época não tinha muito foco em projetos de pesquisa, não tinha essa parte acadêmica. Eu que fui buscar fazer cursos, me aprimorar nessa área. Mas na época não tinha esse incentivo igual tem hoje. Na minha época foi um pouco falho nessa formação por não ter tido esse incentivo para a pesquisa. Você tinha que fazer as aulas e tinha que ser bom naquilo, era como se você tivesse formando pra ser atleta e na verdade não é. (FALA 3)

Hoje a faculdade proporciona aos alunos uma gama de projetos de ensino, pesquisa e extensão os quais “possibilitam a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes” (SCHEIDEMANTEL, KLEIN, TEIXEIRA, 2004, p.1). Porém, para a professora todo conhecimento adquirido veio através da participação em cursos e das suas vivências cotidianas.

Em relação às disciplinas, conteúdos e atividades que mais gostava na faculdade, a professora contou-nos que gostava de todas as disciplinas, mas que por já ter feito parte de competições de ginástica artística se identificou mais com as disciplinas voltadas às ginásticas. A fala da professora pode ser vista, a seguir:

Eu gostava de todas as disciplinas, tudo na Educação Física eu era apaixonada. Sempre foi minha primeira opção de curso. Eu me identificava muito com a Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, sou apaixonada até hoje,

inclusive aqui no meu trabalho eu tenho um grupo de dança de Ginástica Rítmica, fui pioneira nas APAEs. Atletismo eu sou apaixonada, tanto é que hoje eu tenho esse projeto JINTE (Jogos de Integração da Pessoa com Deficiência Intelectual) que já tem 17 anos. (FALA 4)

Quando perguntamos à professora se teve pessoas ou autores que influenciaram em sua formação ela cita 4 professores da época de graduação os quais tinham como foco de estudo a ginástica rítmica, o esporte adaptado e a recreação; e dois autores principais que contribuíram na pós-graduação, especialistas na área da Educação Especial. Ela conta que as aulas desses professores contribuíram de forma significativa, uma vez que usou muitas atividades que foram desenvolvidas por eles na época da graduação. A seguir a fala da professora:

Eu tive uma professora que eu gostei muito e me identificava muito com ela porque eu via que ela dava o sangue, que era minha professora de Ginástica Rítmica (GR), **Sigríd Bitter**. Ela foi um diferencial para mim, me incentivava muito em me trazer para a APAE. Com esse incentivo dela eu fui a pioneira na nossa regional em está incluindo a GR nas APAEs. E dentro do atletismo, da educação física adaptada, o professor **Alberto** foi com quem eu aprendi muito, na época ele estava voltando da Alemanha. Todos contribuíram, **a Geni**, com suas aulas de recreação. Usei muito as aulas da Geni em minhas aulas. O professor **Thales**, que era uma enciclopédia ambulante, minhas aulas também foram baseadas nas aulas dele. Na pós-graduação tive um módulo com o professor **Dr. Sidney Rosadas sobre Educação Especial**. Teve também professor **José Carlos Marinho**. (Grifo nosso) (FALA 5)

Podemos ver na fala da professora que vários professores e os conteúdos/disciplinas ministrados por eles influenciaram em sua formação inicial e continuada.

Além disso, percebemos que a mesma tinha uma boa relação com os professores citados e como diz Ant3nio e Manuel (2015, p. 6) o aluno “sempre v3 o professor como um espelho, a postura adequada dentro da sala de aula s3o aspectos que influenciam para essa rela33o professor- aluno”. De acordo com Nunes (2004, p. 73) a postura dos professores auxilia no processo da constru33o da identidade docente. “Assim, a identidade docente pode ter seu in3cio a partir de contatos com professores que acabam se tornando marcantes para o aluno”.

O curr3culo do curso de Educa33o F3sica da FAEFI/UFU desde h3 muito tempo tem disciplinas voltadas para o atendimento 3 a pessoa com defici3ncia, o que tem sido um diferencial na forma33o dos egressos.

Perguntamos à professora se ela acha que o curso de Educação Física da UFU prepara completamente o aluno para trabalhar com alunos com deficiência e a resposta foi a seguinte:

Eu acho que faculdade nenhuma, se o aluno não tiver o interesse de buscar, faculdade nenhuma vai ser a única responsável por essa formação. Eu vejo que a faculdade é um meio de você ir, direcionar os seus estudos, ter o seu diploma, mas se você enquanto aluno não buscar, vai cair no censo comum. Então, você tem que buscar e fazer a diferença naquela área que você optou. (FALA 6)

Concordamos com a entrevistada que a faculdade proporciona certo aprendizado para o aluno se tornar um profissional, mas existem lacunas em sua formação e no nosso entendimento ela deve continuar sua formação ao longo da carreira.

Ter uma formação de qualidade ajuda muito na hora de trabalhar com alunos com DI, mas é importante ter uma formação continuada para aprimoramento do conhecimento, pois as “lacunas presentes nos cursos de formação podem deixar a prática dos professores desconectada da realidade dos alunos” (ALONSO, 2013, p.1). Uma boa alternativa para a atualização profissional seria reunir o máximo de professores possíveis da escola para discutir, analisar e refletir de forma crítica sobre a própria prática (ALONSO, 2013).

Perguntamos à professora como foi a sua formação continuada, que eventos/cursos participava e que áreas priorizava e se chegou a fazer pós-graduação e caso afirmativo, que importância ela teve na sua formação.

Eu fiz curso em todas as áreas possíveis, não perdia um, tive noção de um todo e fui afunilando isso com o tempo. Os professores até me chamavam de piolho de curso. A pós-graduação eu fiz na área de Educação Física Adaptada (Deficiência Intelectual). Deixei de fazer mestrado para fazer o curso de Direito com o intuito de ajudar mais os meus alunos, mostrando a eles seus direitos. (FALA 7)

A professora não seguiu sua formação na pós-graduação *strictu sensu*, mas relatou que fez vários cursos e que foi com o tempo especificando/especializando em determinada área.

Sobre o significado de ser professora de Educação Física de alunos com DI o relato da professora evidencia que significa contribuir de forma mútua na vida um do outro, ou seja, tanto ela contribui para eles de alguma forma quanto eles a ajudam também. A seguir a fala da professora.

Eu trabalho tentando ajudá-los em seu dia a dia. A gente se diverte, se respeita e eu sinto que eu faço algo mais, eu estou trabalhando, me divertindo,

recebo pra isso, mas eu sinto que faço a diferença na vida deles assim como eles fazem diferença na minha vida. (FALA 8)

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

A professora iniciou a sua carreira na APAE de Uberlândia. Ela disse que sempre quis trabalhar na APAE e que através do estágio obrigatório esse desejo só aumentou. Ficou nítida essa vontade em sua fala:

Eu sempre quis trabalhar na APAE, principalmente depois que fiz o estágio obrigatório na área de Educação Física adaptada. Teve a greve na UFU, aí eu viajei e quando voltei minhas amigas falaram que estavam precisando de professor de Educação Física para trabalhar na APAE. Fui um dia lá e no outro já me chamaram para trabalhar, na época eu ainda não tinha formado, pelo fato de ter tido a greve. Aí eu me formei em julho de 1989, porém já havia começado na APAE em março. (FALA 9)

Vale ressaltar que a determinação é importante para se alcançar as metas propostas para a vida profissional. Além disso, conhecer sobre educação geral bem como as especificidades do processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência intelectual, que possuem características bem peculiares. Nesse sentido, citamos Oliveira (2010, p.144), que diz que:

O desafio é justamente proporcionar uma formação que não se distancie da formação geral e, ao mesmo tempo, desenvolva a competência profissional para o trabalho pedagógico frente aos alunos com deficiência, nem sempre simples ou fácil no cotidiano das salas de aula ou das escolas.

Na entrevista a professora conta que uma das maiores dificuldade foi enfrentar suas primeiras aulas na APAE e reforça sobre a questão do estágio, citado anteriormente.

É assustador porque a gente faz estágio, mas sempre tem um professor ali para auxiliar. Quando eu cheguei percebi que era só eu e eu. Não foi fácil no começo porque na época eu peguei uns alunos que tinha muitos problemas comportamentais e eu ainda não tinha lidado com isso. Mas eu tinha um propósito, era isso que eu queria e eu fazia com amor. E eu dei conta estou aqui até hoje. (FALA 10)

Nesse sentido, das dificuldades no início da carreira temos Nunes, (2004); Farias et al., (2018) que dizem que o início da carreira é o pior momento da atuação profissional.

Em relação ao como a professora avaliava seus alunos, ela respondeu na fala 11, a seguir:

Eu fazia uma avaliação inicial e toda aula ia avaliando. De certa forma ainda avalio periodicamente. Por exemplo, se hoje o aluno não consegue arremessar e semana que vem ele já consegue levantar o braço já é um avanço. Além dessas, nós temos que fazer duas avaliações no ano. Eu faço no início e no final para comparar como o aluno estava no começo e como ele terminou o ano. O progresso, o avanço que eles tem é o feedback que eles me dão. Por serem turmas muito heterogêneas, eu fazia 3, 4 planejamentos em uma turma. Às vezes para um eu tenho que adaptar a atividade. (FALA 11)

Com relação ao critério de avaliação percebemos que, historicamente, a Educação Física “teve como principal preocupação a execução do gesto e o domínio do conhecimento” (NUNES, 2004, p. 113), o que vai em direção ao apresentado pela professora sobre o tema.

Mendes, Teotônio e Moura (2017, p. 4) afirmam que “a avaliação importa para uma educação libertadora, desde que seu papel não seja o de aprender verdades autoritárias, mas investigar, problematizar e principalmente ampliar perspectivas”.

Corroboramos com a fala de Moises e Moraes (2011, p. 1) que a avaliação a ser realizada na Educação Física deve ser de forma mais inclusiva “que não tenha o quesito performance como prioridade e sim, todo o processo de amadurecimento do indivíduo, seja em seus aspectos cognitivo, afetivo e motor, de forma integrada e indissociável”.

No que se refere ao ensino dos alunos, perguntamos a ela o que considerava importante na hora de preparar as aulas. Sem delongas contou que dividia as aulas em três momentos: preparação, atividade propriamente dita e parte final.

Eu iniciava com a preparação (alongamento), depois aplicava a atividade propriamente dita (jogos cooperativos e recreativos, por exemplo) e finalizava com uma dinâmica corporal (massagem). (FALA 12)

Segundo Soethe (2017, p.9),

Os conteúdos a serem trabalhados em uma aula de educação física adaptada são os mesmos que qualquer outra aula de educação física. A diferença ocorre nos meios pelos quais será facilitado o acesso à prática aos portadores de necessidades especiais. Sendo assim, o papel do profissional de educação física especial consiste em proporcionar aos indivíduos a superação de seus

limites, estabelecendo caminhos com graus de dificuldades variados, de acordo com a deficiência.

O autor Soethe (2017) em seu estudo propôs a elaboração de um Guia Didático com atividades específicas à Educação Física para pessoas com DI, sendo essas planejadas de acordo com as dificuldades dos alunos, contribuindo passo a passo no progresso dos mesmos. Este material seria distribuído entre as escolas da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do estado do Paraná.

Questionamos a professora sobre os seus piores e melhores momentos da carreira e quando ela falou sobre os piores momentos e ficou bastante emocionada.

Os piores momentos são as perdas (muitos têm problemas de saúde) porque a maioria eu vi desde bebê. Eu fazia terapia para amenizar as frustrações. Era ruim também quando eu saía com eles para irmos às competições e algumas pessoas olhavam torto. Por outro lado é gratificante, eles me reconhecem, alguns me vê como uma mãe. (FALA 13)

No caso da professora o momento das perdas foi o considerado por ela o mais difícil. As perdas ocorrem muito na educação de alunos da Educação Especial pela gravidade de alguns casos.

No que se refere aos bons momentos da carreira, a professora relata que para ela é ter o reconhecimento dos alunos. Para Nunes (2004); Farias et al., (2018) os bons momentos geralmente é o sucesso obtido por seus alunos e os vários acontecimentos ocorridos ao longo da carreira.

Sobre a preparação para enfrentar a docência no campo da Educação Especial, a professora afirma ter sido o tempo e formação que ajudou seu processo de amadurecimento profissional:

Com o tempo. Nunca parei de estudar, sempre busquei aprimorar mais os meus conhecimentos e cada vez mais eu sentia segurança naquilo que eu estava fazendo. (Grifo nosso) (FALA 14)

Em relação ao tempo referenciado pela professora, Cunha (2003, p.58) diz que “o professor com experiência depois de passar por uma série de etapas sucessivas de intensa aprendizagem, este confronta-se agora com situações que lhe continuam a lhe proporcionar o aperfeiçoamento profissional. O docente jamais deixa de aprender”.

Em relação aos saberes mais importantes à formação de um professor que trabalha com alunos com DI praticamente em toda a entrevista a professora salienta sobre a

importância de continuar estudando, ressalta sobre conhecer o aluno e sua deficiência, para poder intervir.

Estudar, capacitar, **conhecer o aluno e sua deficiência** para saber em que eu vou poder atuar. Eu nunca posso expor o meu aluno de forma que irá ridicularizá-lo. Temos que ter um olhar cuidadoso. (Grifo nosso) (FALA 15)

Nesse sentido, segundo Martins (2009) tratar de questões relativas ao ensino das pessoas com necessidades educacionais especiais, entre os quais aqueles que apresentam deficiência, durante a formação inicial dos professores, contribui para eliminar barreiras que impedem a inclusão escolar desses educandos à escola regular. É importante que todos os docentes tenham conhecimentos sobre as necessidades de seus alunos, sobre como lidar com eles, como organizar o ensino e o currículo de maneira a atender às necessidades de todos.

No estudo de Lacerda (2015, p.96) os professores participantes da pesquisa afirmaram que os saberes são elaborados durante os percursos pessoal e profissional de cada um.

Os saberes profissionais docentes não se constroem de forma linear, mas dinamizada, com base nas vivências tecidas nas trajetórias pessoal e profissional. Cada sujeito elabora de uma maneira diferente sua profissionalidade, fazendo reflexões sobre suas crenças.

Para Mchota (2017) é a integração dos saberes específicos (adquirido na sala de aula no processo de formação), com os saberes pedagógicos (construídos na sala de aula) e os saberes da experiência (adquiridos através de uma situação vivida pelo professor) que auxiliam na atuação do professor.

Durante a entrevista perguntamos à professora os motivos os quais a fizeram permanecer tantos anos na área e ela afirma ser o amor:

O amor pela profissão, pela área, porque eu já tive várias oportunidades de mudar de emprego, mas não consegui largar meus alunos. Quero sempre o melhor para eles. Um brinquedo ou uma brincadeira diferente que eu vejo já penso logo neles. (Grifo nosso) (FALA 16)

Gostar da profissão é muito importante, como no caso da professora, porém, não é o suficiente. Vale ressaltar a fala de Moreira (2018, p. 1) quando diz que a permanência por muitos anos em uma mesma escola pode trazer benefícios na área profissional e também para o aluno. A autora Moreira (2008, p. 1) afirma que:

...este profissional passa a apresentar uma maior auto-estima, sentindo-se parte integrante daquela comunidade escolar. Seus laços com esses alunos saem fortalecidos, mais profundos, e este profissional, consegue acompanhar por longos anos o desenvolvimento de seu alunado. Essa maior integração e comprometimento resultam em um profissional mais motivado, atento e participativo conseguindo perceber e sanar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos.

Com relação ao seu percurso a professora afirmou que se sente realizada, porém, tem a consciência de que não deu a devida importância em registrar sobre o seu trabalho.

Sim, já aposentei e ainda continuo dando aula porque eu gosto, amo. Já fui reconhecida por isso, mas acho que deveria ter registrado mais minhas coisas, só que nunca tive essa preocupação. (FALA 17)

Quanto ao aprendizado profissional e que deveria ser socializado, temos a fala 18, a seguir:

O lado profissional a gente aprende muito, o tempo na faculdade é tão curto perante a grandiosidade que a prática da gente com eles porque aí **você tem que buscar “coisas” que nunca imaginou**. Então, é gratificante profissionalmente. Eu tive que buscar muito para dar a melhor aula para eles, o melhor atendimento porque eles saem com a maior dificuldade de suas casas, com toda limitação, a família às vezes sai de longe para trazê-los para eles chegarem aqui e eu dar qualquer aula, **eu não posso dar qualquer aula, eu tenho que dar o melhor para eles. Então eu sempre tive esse compromisso com meus alunos**. Isso me fez buscar muito e eu falo que **hoje eu me tornei uma profissional melhor, uma pessoa melhor** porque diante de tantas dificuldades tinha dias que eu chegava triste e eles percebiam e me falavam para não ficar triste. Então, foi acontecimentos que agregaram valores na minha vida, a forma de agir, de pensar e fui construindo isso com eles porque eles foram me mostrando. (Grifo nosso) (FALA 18)

Solicitamos à professora que deixasse uma mensagem a todos os alunos que assim como eu, está finalizando ou iniciando o curso de Educação Física.

Gostaria que vocês tivessem **meta, foco**, ter muita **ousadia, estudar sempre**. Eu estou a 30 anos atuando, já aposentei e ainda continuo trabalhando e continuo buscando. É importante **fazer as coisas com amor** porque não adianta fazer mais ou menos, você tem que fazer algo que acredita estar acrescentando na vida do outro. O outro espera de você o melhor e **como profissional é sua obrigação proporcionar o melhor para o aluno** e é o que eu tento fazer. (Grifo nosso) (FALA 19)

Segundo Conchetto, (2018, p.1) “Uma meta é algo que direciona nossos esforços e que os atingindo, temos uma grande sensação de realização e dever cumprido”.

Concordamos com a professora quando diz que temos como obrigação fazer o melhor, afinal, fizemos um juramento quando nos formamos em exercer com ética e compromisso a nossa profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos da professora participante da pesquisa nos trouxeram elementos significativos para o entendimento da trajetória e formação profissional para trabalhar com alunos com DI, o que no nosso entendimento, pode ser generalizado para qualquer aluno.

A determinação, o foco e o não acomodar servem como uma diretriz para os alunos egressos dos cursos de graduação em Educação Física que querem se tornar bons profissionais. Percebemos que houve influência da história pessoal com envolvimento com esportes, para a escolha dela pela profissão, o que costuma ser recorrente nos cursos de Educação Física.

O currículo com suas disciplinas e professores influencia na formação dos alunos, e cabe a cada aluno a aproximação ou não com determinadas áreas oferecidas e professores.

Entendemos, pela fala da professora, e concordamos que a formação continuada é condição fundamental para o bom desempenho profissional. Geralmente a formação a nível strictu-sensu, nos proporciona um olhar de pesquisador e nos impulsiona a publicar e registrar as práticas pedagógicas e experiências, o que a professora relatou como uma falha no seu trabalho.

Vale ressaltar a importância de se considerar a Educação Especial enquanto área de conhecimento científico e se apropriar das pesquisas e dos conhecimentos produzidos para melhorar a qualidade do ensino de alunos com necessidades especiais. Segundo Kassar (2013, p. 106),

Desde o final da década de 70, o país passou a formar pesquisadores em cursos de mestrado na área da Educação Especial e estes foram fundamentais para consolidar a Educação Especial, como campo de conhecimento, em nosso país. Desde a década de 80, a produção de conhecimento nessa área passou a coexistir com a construída em programas e cursos da Educação Geral. Os trabalhos desenvolvidos por Mendes; Nunes; Ferreira (2005) e Nunes; Ferreira e Mendes (2003) apontam essa disseminação que mostram um crescimento da produção nos últimos anos pesquisados.

Por fim, ressalta-se a importância do gostar da profissão, o compromisso, o foco, a determinação, conhecer o sujeito que se ensina e sobre a sua deficiência e outros saberes relacionados à área para desenvolver uma boa prática pedagógica e realizar com desempenho a sua trajetória profissional.

PROFESSIONAL TRAJECTORY OF A PROFESSOR OF PHYSICAL EDUCATION OF THE APAE OF UBERLÂNDIA / MG

ABSTRACT: This research aims to analyze the training and professional experiences of a retired Physical Education teacher who has always worked with students with intellectual disabilities. The research is case study. The data collection was done through a structured interview. The main results, from the training and professional experiences of the teacher interviewed, show us the importance of liking the profession and having the commitment, focus, and determination to carry out their professional activities. Besides the need to have a good continuing education, always studying and improving their knowledge to know the subject being taught and their disability and other knowledge related to the area to develop a good pedagogical practice and perform with performance its trajectory professional.

PALAVRAS-CHAVE: intellectual disability; case study; physical education; professional trajectory; APAE.

TRAJETORIA PROFESIONAL DE UNA PROFESORA DE EDUCACIÓN FÍSICA DE LA APAE DE UBERLÂNDIA / MG

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo general analizar la formación y las experiencias profesionales de una profesora de Educación Física jubilada que siempre ha trabajado con alumnos con discapacidad intelectual. La investigación es del tipo estudio de caso. La recolección de datos se realizó a través de una entrevista estructurada. Los principales resultados, a partir de la formación y experiencias profesionales de la profesora entrevistada, nos muestran sobre la importancia del gusto de la profesión y de tener compromiso, foco, y determinación para realizar sus actividades profesionales. Además de la necesidad de tener una buena formación continuada, estudiando siempre y perfeccionando sus conocimientos para conocer al sujeto que se enseña y sobre su deficiencia y otros saberes relacionados al área para desarrollar una buena práctica pedagógica y realizar con desempeño su trayectoria profesional.

PALABRAS CLAVE: discapacidad intelectual; estudio de caso; Educação Física; trayectoria profesional; APAE.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Daniela. *Educação inclusiva: desafios da formação e da atuação em sala de aula*. 2013. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/588/educacao-inclusiva-desafios-da-formacao-e-da-atuacao-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 26 nov. 2018.
- ANTÔNIO, Luísa da Anunciação David; MANUEL, Janice Alexandra da Costa. *Importância da relação professor-aluno na educação superior*. 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22201_10845.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- BERTONI, Sônia. Deficiência Intelectual, ensino, aprendizagem, de atividade física: Questões fundamentais. In: BERTONI, Sônia; LIMA, Solange Rodovalho. *Diversidade e Educação Especial: Ensino/aprendizagem e deficiência*. Uberlândia: Hebron, 2012. p. 1-78.
- BISOL, Cláudia Alquati; VALENTINI, Carla Beatriz. *Termos e conceitos*. 2017. Disponível em: <<https://proincluir.org/deficiencia-intelectual/termos-e-conceitos/>>. Acesso em: 22 out. 2018.
- CAMPEÃO, Márcia da Silva. *Atividades esportivas para pessoas com deficiência mental*. 2010. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/ATIVIDADES-ESPORTIVAS-PARA-DM.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2018.
- CONCHETTO, Lucas. *Importância de ter uma meta*. 2018. Disponível em: <<http://lucasconchetto.com/importancia-de-ter-uma-meta/>>. Acesso em: 10 dez. 2018
- CUNHA, Antônio Camilo. A socialização dos professores e os ciclos de vida profissional. *Educação em Revista*. n. 4, p. 51 a 64., 2003.
- DÉA, Vanessa Helena Santana dalla; DUARTE, Edison. O aluno com Deficiência Intelectual. In: ALVES, Maria Luiza Tanure; MOLLAR, Thais Helena; DUARTE, Edison. *Educação Física escolar: Atividades Inclusivas*. São Paulo: Phorte, 2013. Cap. 6. p. 42-44. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Nx-zDQAAQBAJ&pg=PT42&dq=caracteristicas+da+pessoa+com+deficiencia+intelectual&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwibhJrKzsrdAhXJgJAKHfDkD-AQ6AEIKDAA#v=onepage&q=caracteristicas%20da%20pessoa%20com%20deficiencia%20intelectual&f=false>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- DISABILITIES, American Association On Intellectual And Developmental. *Definição de deficiência intelectual*. 2018. Disponível em: <<https://aaidd.org/intellectual-disability/definition>>. Acesso em: 19 set. 2018.
- FARIAS, Gelcemar Oliveira et al. *Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em Educação Física*. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/75045/48569>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- FEAPAES-MG. *História: Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais (Feapaes-MG)*. 2018. Disponível em: <<http://apaemg.org.br/page/historico-14367#>>. Acesso em: 22 out. 2018.
- FEAPAES-PR. *Um pouco da história do movimento das APAEs*. 2006. Disponível em: <<http://apaep.org.br/page/um-pouco-da-historia-do-movimento-das-apaes>>. Acesso em: 15 out. 2018
- JOAQUIM, Érica Roberta. *Ensino de Futsal para pessoas com deficiência intelectual*. 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-26092013-073417/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2018.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Possibilidade de formação de pesquisadores em Educação Especial. In: **Políticas Públicas, Escolarização de alunos com deficiência e a pesquisa educacional**. MELETI, S. M. F; BUENO, J. S. B. (orgs). Araraquara. SP: Junqueira & Marin, 2013

KREBS, P. Retardo Mental. In WINNIK, J.P. *Educação Física e Esportes Adaptados*. Barueri/SP, 2004.

LACERDA, Cecília Rosa. *Saberes necessários à prática docente no ensino superior: olhares dos professores dos cursos de bacharelado*. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rdes/article/viewFile/1025/1048>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LOPES, Jorge. *O fazer do trabalho científico em Ciências Sociais aplicadas*. Recife: Universitária, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=A321LE03ab8C&pg=PA220&dq=conceito+de+pesquisa++documental&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiekJHTjrndAhXGFJAKHV5kD3wQ6AEIKDAA#v=onepage&q=conceito%20de%20pesquisa%20documental&f=false>>. Acesso em: 13 set. 2018.

MARQUES, José Roberto. *A importância de ter foco na vida*. 2016. Disponível em: <<https://www.jrmcoaching.com.br/blog/a-importancia-de-ter-foco-na-vida/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MARTINS, L. A. R. Um olhar para a formação docente na perspectiva da Educação Inclusiva. IN: MARQUEZINE, M.C; MANZINI, E. J. ; BUSTO, R. M. TANAKA, E. D. O; FUJISAWA, D. S. (Orgs.) *Políticas públicas de formação de recursos humanos em Educação Especial*. Londrina: ABPEE, 2009.

MCHOTA, Ernest Joseph. *Saberes necessários à atuação do(a) professor(a)*. 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/saberes-necessarios-atuacao-doa-professora>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; TEOTÔNIO, Phabricia Carvalho; MOURA, Giovanna Barroca. *Instrumentos de avaliação para escolares com deficiência intelectual na perspectiva de professores*. 2017. Disponível em: <www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/.../4947>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MOISES, Ronaldo Rodrigues; MORAES, Fernando Cesar de Carvalho. *Avaliação da aprendizagem em Educação Física e alunos com deficiência: perspectivas na Rede Municipal de Ensino em Campo Grande, MS*. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd159/educacao-fisica-e-alunos-com-deficiencia.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MOREIRA, Michele Stanojev. *A importância da permanência do professor na mesma escola*. 2018. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-permanencia-professor-na-mesma-escola.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

NUNES, Sérgio Inácio. *Formação e experiências profissionais de formadores: trajetórias de professores aposentados do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia*. 2004. 164 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de. Inclusão Escolar e Formação de Professores: o embate entre o geral e o específico. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amelia. *Das margens ao*

centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva. Araraquara: Junqueira&marin, 2010. Cap. 10. p. 141-150.

OLIVEIRA, Valéria Manna; DECHICHI, Cláudia; SILVA, Lázara Cristina da. *Incluir na UFU - Acessibilidade e permanência com qualidade na Educação Superior.* 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/331.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

PACHECO, Edenir; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. *Buscando significado nas experiências vividas pela professora Gracita Gruber Marcondes.* 2016. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3397/1975>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

PAGOTTO, Fernanda Pires. *Pedagogia crítica, Educação/Educação Física e o ensino de pessoas com deficiência intelectual.* 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/4629/1/tese_4226 DISSERT.%20FERNANDA%20PIRES%20PAGOTTO20150819-110755.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

PEREIRA, Henrique et al. *Escola usa ginástica rítmica para incluir crianças de área de vulnerabilidade.* 2017. Disponível em: <<https://diversa.org.br/relatos-de-experiencia/escola-usa-ginastica-ritmica-para-incluir-criancas-de-area-de-vulnerabilidade/>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

POSICH, Leonardo. *A importância do foco.* 2016. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/a-importancia-do-foco/78492/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PRIMERCOG. *Visuoespacial.* 2018. Disponível em: <<https://www.primercog.pt/artigo.php?artigo=visuoespacial>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SANTOS, Daísy Cléia Oliveira dos. *Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual.* 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n4/10.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2018

SILVA, Claudia Mara da. *Alfabetização e deficiência intelectual: Uma Estratégia diferenciada.* 2016. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2016/dee_anexo3.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

SCHEIDEMANTEL, Sheila Elisa; KLEIN, Ralf; TEIXEIRA, Lúcia Inês. *A importância da extensão universitária: o Projeto Construir.* 2004.

SOETHE, Paulo Ricardo. *Guia didático: atividades de educação física para deficientes intelectuais.* 2017. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/pgsskroton-dissertacoes/7df46f56a585d9562f71fc1a2aa39b76.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

TÉDDE, Samantha. *Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão.* 2012. Disponível em: <https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Samantha-T%C3%A9dde.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

THOMAS, Jerry R., NELSON Jack K., SILVERMAN, Stephen J. *Métodos de pesquisa em atividade física.* 2012

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. *Impacto da mudança de nomenclatura de deficiência mental para deficiência intelectual*. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Contacts/Downloads/235-929-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
 Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso 2

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Cara professora,

Está sendo convidada para participar da pesquisa do tipo estudo de caso, sob a responsabilidade das pesquisadoras Sônia Bertoni e Dyessa Aparecida Silva. Nesta pesquisa nós vamos analisar sobre sua formação e experiências profissionais com alunos com Deficiência Intelectual (DI). Sua participação consistirá em responder um roteiro de entrevista que abordam sobre sua trajetória pessoal, formação e experiência profissional e analisar o seu currículo. Neste estudo você não será identificada. Você não passará por qualquer constrangimento e as pesquisadoras responsáveis estarão disponíveis para dirimir qualquer dúvida ou prestar-lhes os esclarecimentos que se fizerem necessário. Entendemos que os seus relatos (estudo de caso) podem trazer contribuições na área científico-pedagógica do processo de ensino e aprendizagem de alunos com DI. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Sônia Bertoni (034)3218-2937 e Dyessa Aparecida Silva (034) 99678-0957. Endereço da Instituição: Universidade Federal de Uberlândia, Campus Educação Física – Rua Benjamin Constant 1286, Bairro Aparecida.

Uberlândia, ____ de _____ de 2018.

Assinatura das pesquisadoras

 Sônia Bertoni

 Dyessa Aparecida Silva

Eu, _____, consinto em participar da pesquisa citada.

Assinatura da professora: _____

APÊNDICE B

ROTEIRO/ENTREVISTA ADAPTADO DE NUNES (2004)

TRAJETÓRIA PESSOAL

Com relação a sua trajetória pessoal, teria algo para nos relatar que acredita ser relevante e que ficasse registrado e que fosse passado às novas gerações?

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Sobre sua trajetória profissional, o que a fez optar pelo curso de Educação Física? O que a fez optar por trabalhar com pessoas com deficiência intelectual?

Em qual universidade você se graduou? E em que ano?

Como foi a sua formação inicial? Você participou de projetos de pesquisa e de extensão?

De quais disciplinas, conteúdos e atividades que você mais gostava na época em que você cursou a graduação?

Teve alguém que influenciou em sua formação?

Você acha que o curso de Educação Física da UFU prepara completamente o aluno para trabalhar com alunos com deficiência?

Fale um pouco para nós sobre os autores que influenciaram a sua formação. Teve algum autor?

Como foi a sua formação continuada? Que eventos/cursos você participava? Que áreas você priorizava? Você fez pós-graduação? Que importância ela teve na sua formação?

O que te deu segurança e conhecimento para trabalhar com pessoas com DI?

O que significa ser professora de Educação Física de alunos com Deficiência Intelectual?

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Onde e como iniciou sua carreira?

Como foi sua entrada no trabalho com pessoas com DI? Como foi enfrentar as primeiras aulas?

Quais as maiores dificuldades que você enfrentou ao trabalhar com alunos com deficiência intelectual?

Como você superou essas dificuldades?

Quais metodologias você utilizava? Como você avaliava a aprendizagem de seus alunos?

Quando você preparava as suas aulas, o que você considerava importante por ser alunos com DI?

Quais os piores e melhores momentos da sua carreira? Como lidou com isso?

Quando você considera que se tornou mais competente para lidar com alunos com DI?

Quais saberes você considera mais importantes para a formação de um professor que trabalha com alunos com DI?

Quais os motivos que te levaram a permanecer tantos anos trabalhando na área?

Você se sente realizada com seu percurso na área da Educação Especial?

O que você aprendeu profissionalmente trabalhando com esses alunos e que seria relevante socializar com outros profissionais da área?

Que mensagem você daria aos alunos que estão iniciando ou finalizando o curso de Educação Física?